

LUIZ ALBERTO MENDES

Memórias de um sobrevivente

2ª reimpressão



COMPANHIA DAS LETRAS

submetia àquele tipo de tortura é que eles batiam às queimas. E tínhamos pavor às surras às queimas. Eram borrachadas para todos os lados.

Só hoje sei que é muito mais fácil suportar uma surra geral do que sofrer tortura. Dói mais fisicamente, mas é muito menos danoso no nível psicológico. Quando judiavam muito de um de nós, vigiavam-no para não lhe dar chances de denunciar. Quando as marcas eram muitas, colocavam-no no castigo, na cela-forte da triagem, para escondê-lo da família. Depois, quando sumiam as marcas, procuravam dar doces, balas, cigarros para comprar a vítima. E, por incrível que pareça, éramos tão carentes que aceitávamos suborno. Mesmo porque, se denunciássemos a tortura a nossos pais em geral, não fariam nada. E se fizessem, denunciássemos a tortura, difícil acreditar que isso redundasse em alguma punição para os PMS. Tortura era uma instituição no país, praticada nos mais altos escalões da nação. Não acreditávamos em justiça. Quem iria se importar conosco?

Passei três dias mais ou menos tranquilos. Senti falta de cigarros, picada, maconha e liberdade. Doía imensamente ser movido a bater de palmas. Era terrível ver a garotada apanhar ao menor descuido, sabendo que bem podia ser eu a vítima. Tudo ali doía em mim. Mas ainda estava em suspense, sentia na pele que o pior estava por vir.

No quarto dia, fui chamado ao boi, como era denominado o banheiro. Já então, sabia quem eram os valentões. Esses se destacavam porque viviam a perturbar e perseguir os mais pequenos. Tomavam sobremesas, misturas, roupas, sempre oprimindo os mais fracos e frágeis. Havia assimilado o modo de os PMS nos tratarem, até bolos davam nos menores.

E eram eles que me mandavam chamar. Fui, iludido que era malandro e, em uma conversa, fazia com que percebessem isso. Saber me explicar, e tudo ficaria bem. Mas não houve conver-

sa, fiquei sem entender nada. Lá estava o Trombada, o Mário, o Osório, exatamente aqueles que, na formação das filas por altura, ficavam à frente.

Fui pego pela camisa e atirado no reservado da privada, onde choveram socos e pontapés por todo o meu corpo. Procurei defender o rosto, mas era uma chuva de golpes tão fortes que não agüentei e caí. Pior para mim, que fiquei ao alcance dos pés. Os chutes vinham de todo lado. Desesperado diante tal covardia, quando notei uma brecha, me atirei e pulei para o pátio, correndo na direção oposta de onde estavam os policiais. Estes pareciam coniventes, pois fingiam não ver nem ouvir. Achavam que só se fôssemos dar queixa é que podiam tomar atitude disciplinar. Queriam promover a delação. Eu já fora educado no crime, onde vale tudo, menos cagüetar e dar a bunda. De modo que me encolhi num canto e fiquei chorando, escondido para ninguém ver.

O Budrim e os outros que conhecia estavam no estágio B. Era um outro pátio de recreação, outro dormitório, outro mundo. Nos encontrávamos apenas na recreativa, e lá era proibido falar. Não podia pedir apoio. Não entendi jamais por que me bateram. A única explicação era o sadismo, o prazer de judiar. Era o único divertimento deles: judiar dos mais pequenos.

O tal de Mário começou a me perseguir mais particularmente. Não podia me ver que vinha mexer comigo. Passava a mão na minha bunda, se grudava em mim, tentando me humilhar. Ficava louco com isso, uma fera! Mas não podia reagir, não podia com ele. Era bem maior que eu e muito mais forte, dava uns dois de mim. Depois, se o vencesse teria de enfrentar a turma dele. Viviam evitando-o, fugindo dele, correndo dele, passando longe. Mas o sujeito adorava me irritar. Parecia que quando queria rir, zombar de alguém, humilhar, então me procurava pelo pátio. E não havia como fugir.

Havia uns meninos mais bobinhos, mesmo débeis mentais (uma boa parte dos mais novos eram debilóides), que acovardavam-se quando os grandões os oprimiam. Os maiores, então, conseguiam diversão por algum tempo. Eles faziam pressão em todos, alguns cediam, coitados desses. Faziam fila para usar os pobres-diabos. E não era apenas uma ou duas vezes. Sempre, até que a criança não agüentasse mais e denunciasse, ou ficasse machucada demais e precisasse ir para a enfermaria. Quando não cagüetavam, ficavam como cãezinhos. Todos batiam e judiavam, até aqueles que já haviam sido vítimas dos mesmos abusos, antes.

Alguns como que casavam. Arrumavam um protetor. Só davam para ele e eram protegidos contra os outros. Tinha a maior pena, sempre que seus donos não estavam por perto, conversava com eles. Ninguém conversava, tinham medo do dono se aborrecer com isso. Eram seres frágeis que viviam em pavor constante. O medo que vivenciavam fazia com que se desumanizassem, tornavam-se subservientes para não apanhar.

Observei muitos que os grandões comiam na base da pressão e da porrada se vingarem cagüetando-os. Para esses, a vida ficava pior ainda. Delatores eram estigmatizados, desprezados e odiados por todos, fortes ou fracos. E viviam apanhando e cagüetando, num moto-contínuo. Apanhavam porque cagüetavam e cagüetavam porque apanhavam. Até os policiais não gostavam de delatores, embora, paradoxalmente, os incentivassem. Temiam que os denunciassem também.

Eu lutava contra os grandões continuamente. Não que os enfrentasse. Era loucura, e eu não era exatamente um menino corajoso. Mas era rebelde ao domínio deles. Não me submetia. Viviam me batendo, socando, e eu fugindo, correndo, escapando. Resistia como podia e vivia em permanente vigilância para evitar estar no caminho dos maiores.

A vida ali era uma guerra constante. Então chegou o Paulão. Um negrão enorme, do meu bairro, traficante de maconha. Conversamos, havia sido pego com alguns parangos (enrolados de porção de maconha a granel) lá na Vila. Como era enorme e forte, os maiores, em vez de tentar qualquer agressão, procuravam incluí-lo em seu meio. Em poucos dias de estada ali, Paulão começou a judiar de alguns menores também. Comigo não mexia. Eu era da Vila, dizia. Sob a liderança dele, os maiores ficaram comedidos. Só abusavam daqueles que se submetiam e dos cagüetes.

Fiz amizade com um mineirinho recém-chegado de Minas. Era ladrão de bolsas. Andávamos sempre juntos. Mas um branquinho, o Gavião, que fora preso com ele, ficou com ciúmes de nossa amizade. Sozinho, estava apanhando e sendo possuído pelos grandões. Nós dois, juntos, já éramos mais respeitados. Acabou arrumando uma intriga entre nós.

Havia um costume segundo o qual, quando dois garotos queriam brigar e não ser punidos, iam aos guardas e pediam uma ala, que era permissão para brigar sob a vista deles. Os policiais adoravam isso. Era um circo perfeito. Ninguém queria perder para não ser desprestigiado, então se agrediam feito feras. Os guardas até apostavam entre si e faziam torcida.

O mineirinho pediu ala comigo. Fui para não parecer covarde, mas não queria brigar, o sujeito era meu amigo. Acabei apanhando, estava sem convicção, e ele possuía técnicas de briga desconhecidas para mim. Isso eliminou minha única amizade e me desprestigiou com os maiores.

No dia seguinte, lavei meu belo short de helanca e deixei para secar. O Paulão pegou o short e disse que estava tomado. Conversei. Puxa, éramos do mesmo bairro, e não ficava bem aquilo. Deu-me um safanão e disse que não tinha conversa, que estava tomado mesmo.

Quando os maiores viram que até o malandro do meu bairro tomava minhas coisas, voltaram a me perseguir. Agora era só passar ao alcance de alguns deles para que tomasse um soco, um pontapé, uma passada de mão, quando me distraía. Tentavam, de todas as formas, me desmoralizar. Eu era o único dos mais pequenos que não havia me submetido às suas taras e domínio. Apesar de não poder reagir, não me submetia. Era uma resistência absurda, cheia de revolta e ódio. Eles sentiam, viam em meus olhos, e isso mexia mais com eles ainda. Fui combatendo-os com minha teimosia em viver com certa dignidade, apesar deles.

Apanhava bastante. Mas era preciso que me pegassem de surpresa, porque se me chamassem, não compareceria. Sabia como eles arrumavam os xavecos, as armadilhas deles. Se viessem para meu lado, eu corria.

O fato de ser pequeno e não ser lá muito bom de briga, colocava-me em desvantagem até psicológica. Estava convencido que não podia com nenhum deles. Nunca fora, também, quando sozinho, um sujeito violento. Sobressaía sempre pela astúcia e ousadia. E ali não era local onde tais virtudes pudessem ser consideradas. Predominava a lei dos mais fortes. Era a força bruta. Tendo a polícia, por fora, para oprimir e barbarizar a todos. Embora tendessem a oprimir sempre os mais fracos, que pareciam os mais desorientados. Inúmeras vezes vi os “valentes e valorosos” policiais militares surrando a borrachadas débeis mentais que nem sequer tinham total coordenação de seus movimentos. Os loucos, os débeis e os fracos eram o alvo favorito de todos naquele depósito de vidas humanas.

Qualquer um de nós, dos menores, estaria com o futuro comprometido. A pressão que vivíamos era contínua, alucinante. E isso apenas no nível de pressão da convivência. Mas havia mais. As muquiranas. Os alojamentos eram infectados de muquiranas. Nossas vorazes inimigas. Um animalzinho de muitas patas, que

corre rápido, mestre em se camuflar nas roupas. Tão esperto que é capaz de se mimetizar de acordo com as cores das roupas. E pica (sei lá se pica mesmo ou se rasga) nosso corpo para sugar nosso sangue. Aquelas vampiras! Sua picada coça a ponto de dilacerarmos a pele de tanto arranhá-la. Quando conseguíamos dormir, apesar delas, as danadinhas não deixavam de nos picar. Cortávamos nossa pele com as unhas, dormindo. De manhã cedo, o lençol estava todo sujo de sangue. Não havia preocupação da administração em nos vestir. Apenas quando o menor estava sem roupa alguma é que eles davam uniforme. Com certeza “uniformes para todos” constava na planilha de custos da instituição. Alguém devia lucrar com isso. Quase todos nós estávamos com os restos das roupas com que viéramos da rua. Isso equivale a dizer que estávamos rotos e rasgados.

As muquiranas faziam morada em nossas imundas vestes. Dentro do banheiro, no pátio, onde tomávamos água, os coitados lavavam as roupas dos valentões. Lavava minhas roupas sempre que arrumava um pedaço de sabão e sabia que ia ter visitas.

De manhã cedo, ao sol, um dos passatempos mais rotineiros era a caça às muquiranas em nossas roupas, pois os ovinhos que punham nelas não saíam nem mesmo depois de as lavarmos. Eram minúsculos; os bichinhos saíam dos ovos, se disseminavam pelas roupas, crescendo e engordando com nosso sangue. Faziam parte da tortura e opressão geral. Quem conhece a muquirana, sabe a força do que estou dizendo.

Um mês após estar preso naquele inferno, fui chamado à carceragem. Pensei que fosse alguma coisa boa. Era apenas o assistente social que me requisitava no hospital. Um soldado me algeinou e determinou que o acompanhasse. Abriu as portas, e vi o mundo novamente. Árvores, sol, vida. Já aquilo me inebriou. Fiquei emocionado. Ainda existia o mundo, e eu já esquecera o quanto podia ser belo, luminoso e brilhante.

Saí andando ao lado do PM, a passos trôpegos. Bebendo com os olhos tudo aquilo que entrava, invadindo a alma de beleza, de encanto. Em uma outra construção, atrás das instalações do pátio, localizava-se o hospital. Maior contraste: tudo muito limpo, encerrado: cartão de visita.

Entrei com o soldado. Uma moça nos atendeu, enquanto explicava aonde o PM deveria me levar, eu a admirava. Como eram lindas as mulheres! Parecia que naquele momento eu me apercebia da graça, da delicadeza da natureza feminina. Subimos alguns degraus da escada, virei a cabeça para a última olhada na garota. Ela me olhava, e senti compaixão em seu olhar. O soldado abriu uma porta, pediu licença e me introduziu na sala. Havia um homem gordo, imenso, atrás de uma mesa de escritório.

“Sente-se”, disse-me, mostrando com os olhos uma cadeira. “Você é Luiz Alberto Mendes Júnior?”

“Sim, senhor.”

“Você foi preso portando uma seringa hipodérmica, e aqui consta que apresentava sinais de perfurações nos braços. Você é viciado em picadas?”

“Não, não sou.”

“Fale-me um pouco de você. Sou assistente social, estou encarregado do seu caso. Não tema nada de mim. Não lhe farei mal algum. Estou aqui para lhe ajudar. Pode falar, sem receio. Preciso conhecer você para poder compreender seu caso e poder lhe ajudar.”

Quase chorei ao ouvir aquelas palavras. Senti que podia confiar naquele gordão, sua cara era de pessoa boa, confiei nele logo de início. Quanto tempo que ninguém era bom comigo. Parecia que nunca ninguém o havia sido. Aquelas palavras me emocionaram demais, fiquei feliz e radiante, repentinamente. Voltei a confiar que podiam existir pessoas boas no mundo. Até então, parecia que só existiam as que queriam me fazer mal.

“Estou mesmo precisando de ajuda. O que o senhor quer que lhe conte de mim, por onde quer que comece?”

“Sua família. Fale-me de seus pais, o endereço deles para que possamos avisá-los que você está aqui. Devem estar desesperados à sua procura.”

Falei de meu pai alcoólatra que me batia, das fugas de casa e da vida nas ruas, assim, resumidamente. De minha mãe, que só sabia sofrer por mim e por meu pai. Desabafei. Prometeu procurar minha mãe, conversar com ela e trazê-la para me visitar, aquela semana ainda. Deu-me um maço de cigarros, apertou minha mão, e notei profunda piedade em seus olhos, o que quebrou o encanto. Ele chamou o soldado para me conduzir de volta ao pátio. A piedade me constrangia, deixava triste. Tinha algo dentro de mim que não sabia o que era. Era algo a ver com a resistência; como se a piedade dos outros me ameaçasse, enfraquecesse.

Apesar disso, fiquei contente com a entrevista. Acreditei no homem. Parecia pessoa realmente a fim de ajudar. Sabia que assim que avisasse minha mãe, ela viria correndo me socorrer, me tirar daquele inferno. Imaginava que só por ver o meu estado, e por tudo o que contaria a ela sobre a vida miserável a que era submetido, daria um jeito de me tirar dali, no mesmo dia. Já vivera as maiores crises de tristeza em dias de visita. As mães dos outros garotos vinham, e a minha nunca vinha. Isso doía muito. Queria minha mãe, ela me salvaria, com certeza!

Domingo, lá estava eu, com as roupas rasgadas, mas limpas, encostado, desde cedo, à porta onde éramos chamados à visita. Demorou, demorou, e quando já estava entrando em pânico, chamaram meu nome. Que felicidade! O coração saltou-me à boca, quase não consegui dizer meu nome ao guarda que me chamara, quando me apresentei. Quando entrei na recreativa, minha mãe estava lá, no meio do salão, com uma sacola, me esperando. Voamos um para o outro. Agarramo-nos e começamos a chorar.

estava só contra tudo e todos, nem minha mãe estava fora. Me sentia tão pequeno e frágil!

Mas eu tinha doces, uma roupa limpa e cigarros. Mexi nas coisas que ela trouxera, comi um doce, logo apareceram outros garotos. Comi com eles tudo o que havia, imediatamente, com medo de que os grandões viessem tomar. Após o banho, no dormitório, coloquei roupa limpa e adormeci.

Ouvi falar constantemente na triagem. Era um prédio ao lado do pátio, quando fora ao hospital, o vira. Ali estavam presos os menores de idade tidos como perigosos. Os multirreincidentes, assaltantes, assassinos, estupradores e casos rumorosos. Todos diziam que era como cadeia, com xadrez e tudo. O castigo, a cela forte, era lá. Quase todos os garotos do pátio que foram para o castigo voltaram desmoralizados. Havia sido estuprados por lá. Conversei com alguns deles, e eles me pintaram a triagem como o inferno na terra. Tremiam só de pensar em voltar lá, voltavam mansinhos, quase santos. O meu medo de ir para lá era enorme. Não daria motivo, me comportaria excelentemente.

Procurava viver dentro das regras dos guardas. Mas esses eram muito sádicos, viviam caçando motivo para bater em nós. Muitos deles só trabalhavam alcoolizados. Traziam até garrafas de bebidas, passavam a noite bebendo. Se alguém conversasse na recreativa, ou eles suspeitassem que houvera conversa, pronto: mandavam os faladores se apresentar. Caso não o fizessem (e raras vezes alguém tinha coragem para tanto, pois iria ficar com as mãos e os pés queimados de tantos bolos), era motivo para que batessem em todos nós. Possuíam a periculosidade de nos colocar em forma no pátio e ir chamando um por um para apanhar. E era sempre de dez bolos para lá, para cada um. Os mais pequenos não agüentavam e acabavam sempre apanhando mais, tomando borrachadas pelo corpo todo. Ai de nós se nos recusássemos a pôr a mão ou o pé para que batessem. Era borrachada para todo

lado. Liberavam todo o sadismo de que eram portadores. Isso acontecia constantemente. Principalmente quando não havia novatos para eles baterem.

Quando chegavam novatos, nós ficávamos contentes. Nós os veríamos apanhar como cães, achando justo que apanhassem também, já que todos apanháramos quando chegáramos. E escapariamos de apanhar naquele dia. Os guardas já teriam seu passatempo. Era esse o clima que pairava, quando cheguei ali e presenti algo ruim.

Aos poucos, fui introjetando o ambiente violento, até modificando meu jeito um tanto meigo e infantil. Fazia parte de tudo aquilo já. Se não fosse pequeno, talvez estivesse abusando dos menores, como faziam os grandes.

Testávamos os novatos quando eles apanhavam dos PMS. Aquele que contasse tudo aos primeiros bolos, ou demonstrasse covardia exagerada, já sabíamos, não ia se dar bem em nosso meio. No dia seguinte, os maiores já lhe tomavam as roupas e lhe davam outras rasgadas e cheias de muquiranas. Depois viriam as ameaças e as primeiras porradas. Se fraquejasse, no mesmo dia já era possuído pelos grandes e até obrigado a escolher um deles como marido. Havia vários casados. Viviam nessa posição humilhante por não ter opção. Quando os donos iam embora, emancipavam-se e não permitiam que os montassem mais.

Nem pensei em possuir alguém. Além de ter pena dos menores que eu, precisava era cuidar da minha bunda, que os valentes queriam comer. Jamais abusei de ninguém em prisão alguma. A moral estava na bunda, e a minha era o meu tesouro.

No domingo seguinte, minha mãe veio novamente. Contou que a mãe do Osório, que estava a nosso lado na visita anterior, abordara-a lá fora. Alertara-a para que não contasse a ninguém que éramos espancados ali. Se os guardas soubessem, poderiam nos bater mais, por vingança.

Acho que foi então que ela acreditou no que eu lhe dissera, que éramos espancados. Mesmo assim, sabia que ela me preferia ali, apanhando e tudo, do que nas ruas. Sempre a maldita segurança em primeiro lugar. Ali ela sabia que eu comeria, dormiria numa cama, nenhum carro me atropelaria e nenhum policial me mataria. Isso de apanhar, eu apanhara a vida toda e estava vivo e sadio ali. E mais um pouco não iria me prejudicar muito. Loucuras da lógica maternal.

Conversamos. Minha tia Ercy viria me visitar. Meu pai sabia onde eu estava, quis proibi-la de me visitar, mas ela viria, quer ele quisesse quer não. Quanto ao mais, estava tudo bem. Quando chegasse o momento, iria falar com o assistente social para me liberar. Que momento?, perguntava eu. Tinha que ser já, agora! Pedia que me acalmasse, logo me tiraria dali. Havia um problema: meu pai teria que assinar a minha libertação. Ele não queria.

8.

Havia, no corredor entre o pátio e a carceragem, uma pequena oficina. Parece que era do Senai. Nela havia um professor. Interessei-me pelas coisas, máquinas e detalhes que entrevi no local. O professor pareceu-me um sujeito legal. Rapidamente, através de alguns meninos autorizados a freqüentar a oficina, encontrei um meio de falar com ele. Com jeito, pedi me deixasse participar do aprendizado que se fazia ali. Consegui.

O sujeito era mesmo muito legal. A oficina era uma espécie de marcenaria, mas havia espaço para outros aprendizados também. Apenas eu e mais uns cinco menores saíamos do pátio para aprender ali. Os outros, quase duzentos meninos, viviam na ociosidade completa, excetuando-se os poucos que trabalhavam na horta.

O professor afeiçoou-se a mim e já me distinguia, levando-me para buscar café na cozinha. Nem sequer pensava em fugir. Havia em mim um sentido de lealdade, já naquela época, com quem me oferecesse confiança e afeto. Poderia fugir tranqüila-

1.

Dona Eida, minha mãe, dizia que até os seis anos eu era um santo. Meu pai, seu Luiz, dizia que eu era débil mental. Disso lembro bem. Diziam que me colocavam sentado em qualquer cadeira e ali eu permanecia durante todo o tempo. Quietos. Sem sair nem reclamar.

Depois, fui para a escola. Dizem que de santo virei diabo. Lembro da primeira professora, de régua em punho, exigindo disciplina. E não obtinha, pelo menos não de mim. Enfiava a régua sem dó, ao menor descuido. Odiei escola, odiei professores.

Sei que era menino inquieto, desesperado. Vivia buscando ser aceito pelos meninos mais velhos que eu. Muito cheio de medo e assustado, fazia tudo para não demonstrar, como qualquer outro menino, só que com diferentes resultados. Eu era danado, segundo todos diziam.

Meu pai, desde que me lembro, já bebia. Passava dias fora de casa, sem dar notícias. Quando voltava, dizia que fora preso em

brigas pelos bares onde enchia a cara. Chegava xingando, brigando e falando alto. Fedia a cachaça e perfume barato.

Minha mãe era coitada. Amava aquele homem bruto, sabia que era tudo mentira, mas tinha o maior medo de enfrentá-lo. Era agressivo, violento, não batia nela, mas ameaçava de montão, e dona Eida morria de medo.

Quando ele chegava bêbado em casa (e era quase todo dia), eu me escondia na casinha da cachorra, Dinda. A cadela era meu maior amigo. Ficava me lambendo, feliz de estar comigo, qual eu fosse mais um de seus inúmeros cachorrinhos.

O homem chegava ensandecido, procurando motivo para brigar e bater. Acredito que para justificar seu estado deplorável e não permitir questionamentos. Claro que, de minha parte, sempre encontrava. Jamais, após os seis anos, fui propriamente um santo, até muito pelo contrário. Me apavorava, vivia sobressaltado, com medo dele. Ele dizia que eu tinha medo mas não tinha vergonha. Medo eu sabia de quem, mas vergonha de quê, de ser menino?

Por qualquer motivo, mandava que eu fosse buscar o cinturão de couro no armário e dizia, sadicamente, que iríamos ter uma conversa. Era uma tortura, era mesmo! Pegava pelo braço e batia, batia, batia... até ficar sem fôlego. Eu sentia que era com raiva, prazer até. Qual quisesse apagar todos os males de sua vida miserável. Eu gritava até não ter mais voz, pulava, esperneava e tentava me defender dando a parte menos dolorida do corpo às cintadas. Se é que havia alguma parte menos dolorida. Então me largava num canto, escondido do mundo; inteiramente só, chorando... Todo cortado por vergões roxos, querendo morrer para que ele sentisse culpa de minha morte.

Minha mãe ficava na cozinha chorando, sem nada fazer. Para ela aquilo fazia parte da educação de uma criança, era normal. Quando menina, seu pai, um estúpido brutamonte, era super-

violento. Se estivesse batendo em um dos filhos e houvesse mais alguém por perto, ele saía batendo em todos os que estivessem ao seu alcance. Era um tal de gente correndo para as portas e pulando pelas janelas... Embora ela fizesse questão de destacar: "Foi um homem trabalhador, jamais deixou faltar nada em casa". Grande mérito, para ela. Quando morreu, todos os filhos, sem exceção, deram graças a Deus.

Para seu Luiz, espancar era o melhor, se não o único, método de educar filhos. Pelo menos para mim isso era superevidente, não havia a menor dúvida. Sua mãe, viúva de um ex-boxeador alcoólatra, criara sozinha cinco filhos e só conseguira controlá-los a tamancadas. Meu pai dizia arrepender-se das tamancadas de que se esquivara. "Que cara-de-paul!", pensava eu.

Para mim, aquilo era o fim do mundo. Odiava-o com todas as forças do meu pequeno coração. Vivi a infância toda fermentando ódio virulento àquele meu algoz e envenenando minha pobre existência. Quis crescer, ser grande e forte para arreventá-lo a socos e pontapés.

Desde muito cedo vivi desesperado por liberdade, louco para viver solto como os outros meninos. Meu pai pouco me deixava sair de casa. Primeiro por conta de seu preconceito contra pais que deixavam crianças soltas na rua, depois por conta de me castigar devido ao meu péssimo comportamento na escola.

Quando saía escondido, era para caçar confusão, brigar com os outros meninos e apanhar de meu pai na volta. Havia Carlito (que hoje é policial militar), garoto mais velho que eu, filho de mãe solteira e já visto como futuro marginal. Vivia fazendo de mim uma espécie de capanga. Me colocava em choque com outros garotos só para ver briga, ação. Eu adorava esse sujeito. Andava atrás dele feito um cachorrinho a obedecer às suas ordens. Induzia-me a roubar frutas na feira, dinheiro em casa, garrafas de bebida dos caminhões etc. Se me recusasse, seria desprezado e

afastado do bando. E eu fazia de tudo para andar com ele. Ser amigo de Carlito era ser alguém nas ruas do bairro.

Não suportava a reduzida prisão que se tornara minha casa. O quintal era pouco maior que a cela de uma cadeia. Tudo ali era velho demais para mim, já tinha visto aquilo tudo milhões de vezes. O assoalho que eu encerava desde pequenino, o telhado cheio de goteiras, os ratos do porão, tudo ali me cansava.

Esquecia das horas jogando bola no campo, empinando pipa ou caçando passarinho no mato. De repente, Dinda estava me puxando pelo calção (ela sempre me acompanhava aonde eu fosse): era certeza que seu Luiz tinha chegado em casa e exigia minha presença, assobiando. Era um assobio fino que cortava. Quando Dinda invadia o campo latindo, meu coração vinha na boca — era ele! Saía correndo para casa, já arrepiado de medo, era surra na certa. Não podia sair de casa sem autorização dele. Chegava no portão, meus passos diminuía sem querer, precisava de um caminhar de coragem para entrar. A vontade era fugir, sumir. E lá estava, sem nunca falhar, meu carrasco: “Vamos conversar, vá buscar a cinta!”.

Já tremendo, acovardado, quebrado em minha vontade, trazia a cinta o mais lentamente possível. Suas cintas estavam todas arrebitadas de tanto ele me bater com elas. Começava a bater e eu a gritar, se ele descuidasse das portas e as deixasse abertas, Dinda entrava e avançava em cima dele, para me defender. Ele a chutava e tornava a me bater. Depois, já cansado, ia bater nela no quintal. Aquilo me doía mais que a surra. Corria para a casinha da cadela, e ela, esquecida já do que apanhara, ficava me lambendo os vergões, qual pudesse suavizá-los. Dinda, sem dúvida, foi o melhor amigo de minha infância.

Ninguém me defendia, com exceção de minha avó, mãe de minha mãe. Quando ia nos visitar, meu pai evitava me bater. Uma vez tentou, e ela se colocou na frente, chamou-o de animal e o

enfrentou. Daí para a frente criou-se um antagonismo entre os dois. Eram inimigos declarados. Ele a chamava de velha bruxa, e ela, por sua vez, o chamava de animal e vagabundo.

Ele não podia com minha avó. Além de alcoólatra e arrua-ceiro, não conseguia trabalhar por muito tempo em emprego nenhum. Empregava-se por um, dois meses, e já brigava com o patrão (era confeitoiro, e dos bons, possuía a arte para os confeitos), ou era surpreendido bêbado em serviço e então despedido sumariamente. Ficava dois, três meses desempregado. Essa era a sua rotina. Atrasava o pagamento do aluguel da casa. Vivíamos apavorados com a possibilidade de despejo. Minha mãe acabava com sua já precária visão na máquina de costura, até altas horas da noite. A vó nos sustentou sempre que pôde. Ajudava a pagar o aluguel e colocava comida em nossa mesa, então ele não podia ter voz ativa com ela, era obrigado a suportá-la.

A vó era quem me vestia e dava brinquedos. Me amava profundamente, tudo fazia por mim. Lembro-a e sinto até um aperto no coração. Não sabia retribuir. Ela sempre foi a principal fonte de minhas parcas alegrias infantis, pelos brinquedos e dinheiro que me dava e pela festa que era sempre sua vinda em casa. Acho que eu não sabia amar, ou amava de forma diferente.

Apesar de tudo, eu amava aquele meu rude pai, apesar de odiá-lo também. Vivia atrás dele, quando sabia que estava sóbrio (o que era raro). Ele era, até certo ponto, um herói para mim. Não posso negar que vivi momentos felizes com meu pai. Ele criava passarinhos de canto. Eu odiava aqueles passarinhos, pois era minha obrigação cuidar deles. Como qualquer garoto, queria era brincar, e tinha de limpar gaiolas malcheirosas e alimentar uns bichinhos que nem podia tocar.

Meu pai sempre me levava quando saía para caçar passarinho ou pescar. Eu adorava pescar! Saíamos em um grupo com seus amigos do bar da esquina, todos alcoólatras. Levávamos uma

bengala de pão por cabeça, mortadela e várias garrafas de pinga. Sempre mais pinga que comida. Eles enchiam a cara no mato ou à beira das águas. Era um perigo aquele bando de homens bêbados a fazer palhaçadas, e eu, menino, me divertia demais, sem perceber o risco.

Era viciado em pipas. Aprendi a fazer as mais bonitas da turma da rua. No ar, elas faziam o desenho que eu quisesse, eu as controlava. Fabricava o melhor cortante da localidade. Cola de madeira diluída em água fervente e pó de vidro moído a marretadas. Passava na linha número 10 (que a vó dava dinheiro para que eu comprasse) e lá ia eu, lançar outras pipas no ar. Geralmente, cortava a linha de todos os outros, quando não cortavam a minha logo de cara e eu me enchia de raiva. Fazia tudo escondido, pois meu pai me proibia que empinasse pipas. Dizia que, se não queria saber de estudar, então também não ia brincar.

2.

Não sei ao certo por quê, mas a relação de meu pai comigo era sempre ofensiva. Sentia que havia nele algum prazer em me chamar de nomes cujo significado eu ainda não sabia, mas que, pelo tom, sentia que eram para me magoar. Ficaram gravados na mente como bombas-relógios para doerem quando atingisse a compreensão: prostituto, mentecapto, bucéfalo, debilóide — pérolas que aprendia em palavras cruzadas. Havia um prazer mórbido em me irritar, em me enervar; esticar ao máximo meus nervos era uma de suas brincadeiras favoritas. Eu só podia ficar vermelho e chorar de raiva, frustrado. Ai de mim se retrucasse!..., vivia ameaçando caso um dia eu reagisse à sua estupidez.

Minha mãe dizia que ele agia assim devido ao ciúme do amor que ela me devotava. Eu e dona Eida éramos muito apegados. Sentíamos que, na verdade, só tínhamos um ao outro no mundo. Ele não participava desse círculo fechado, jamais fez por merecer. Minha mãe escondia muitas de minhas traquinagens. Sabia que, se ele soubesse, eu seria massacrado. Aquela mulher era muito

Foi de manhã cedinho que cheguei ao plantão do Recolhimento Provisório de Menores. Fui conduzido ao prédio administrativo daquele estabelecimento correcional. Colocaram-me dentro de uma espécie de engradado, denominado Chiqueirinho. Passei o dia ali.

Estava inteiramente apático. Não ligava para o que me fizessem. À noite, fui levado por um policial militar para uma espécie de carceragem, onde outro PM registrou meus dados pessoais em uma ficha. A seguir, me fizeram ultrapassar dois pátios (sempre escoltado) e entrar em uma sala enorme. Nessa sala, sentados em longos bancos de madeira, muitos meninos assistiam televisão. A sala fedia. O PM da escolta mandou que me sentasse num daqueles bancos. Todos me olhavam. Senti uma certa intimidação.

O local era assustador. Os PMS, sentados em cadeiras no palco onde estava a TV, olhavam-me com extrema hostilidade. Senti na pele o que seus olhos diziam, o mal que me queriam.

De repente, fui chamado lá na frente e perguntaram meu nome. Mandaram que me sentasse novamente. Na TV passava um desenho. Os garotos, maltrapilhos, estavam entretidos no desenho. Todos com cabelos enormes, emaranhados.

Fui reconhecido pelo Budrim, um garoto do Mercado Municipal, que já havia roubado comigo. Cumprimentei-o e fiquei tentando reconhecer mais alguém. Observei mais uns dois ou três conhecidos, que pareciam querer desconhecer-me.

Prestei atenção nos PMS. Notei que me observavam também. Todos me observavam silenciosamente. Aquilo me intimidava, deixava nervoso, tenso. Chamavam aquela sala de recreativa. Ninguém falava comigo. Só me olhavam. Era proibido conversar, percebi então.

Os policiais bateram palmas, dando a entender que terminara a recreação. Os menores, em silêncio, foram saindo. Assim, banco por banco, ordenadamente, pela porta por onde eu entrara, formando filas enormes em direção ao pátio. Pareciam robôs. Acompanhei-os.

Formavam filas por altura, fui lá para o fim das filas. Percebi que era um dos mais pequenos ali. Então, todos formados à distância de um braço, fomos contados como gado. Os guardas não falavam. Eles gritavam, e quase sempre ofensas. Palavrões. Nas mãos portavam umas borrachas de pneu de caminhão bastante estranhas. Tinham uns quatro centímetros de largura, eram longas, chegavam quase a um metro, e, na ponta, alargavam-se.

A ordem foi dada aos berros, e as filas, como se não fossem humanas, foram entrando, uma a uma, em dois alojamentos. Era o estágio A e o estágio B. No estágio A ficavam os meninos primários e os que tinham cometido infrações penais consideradas leves. No B, já estavam os reincidentes ou aqueles com problemas penais mais sérios. Fui designado para o estágio A.

O alojamento era um salão enorme com camas-beliches em linha, encostadas na parede. Ninguém ainda conversara comigo. Estava assustado, com medo. Todos foram para seus devidos beliches.

Um dos guardas, ao me notar sem rumo, mandou que me encostasse à porta. Ria ao me olhar, avaliando-me. Quando levantei a vista, os outros meninos já estavam de calção em frente aos beliches. De dez em dez, ao comando do guarda com a borracha na mão, corriam para o que, imaginei, fosse um banheiro. Mais alguns minutos e lá vinham eles correndo, sempre em silêncio, molhados e se enxugando, para seus lugares nos beliches. Outros dez já partiam em desabalada carreira. Observava a eficiência do comando e da disciplina, imaginando o que me esperava. Estava no ar algo que sentia, e era contra mim e ia doer.

Após os garotos tomarem seu pseudobanho, entrou no alojamento um PM enorme. Vinha falando alto, escandaloso: “Vamos lá, putada, tá na hora de dormir. Quem der um pio vai conversar comigo aqui! E hoje estou disposto”. E apontando para mim, disse: “E esse aí?”.

O outro guarda afirmou que eu era mais um novato. Tinha chegado havia pouco.

“Então é hoje que a casa cai e a puta apanha!”

O homem estava com uma espécie de chicote nas mãos. Na verdade, era um pedaço de fio de telefone, com mais ou menos um metro. Tremia dos pés à cabeça, me apavorei diante o que seus olhos me ameaçavam. Será que iria bater? Mas eu não fizera nada ali... apenas chegara.

Como já conhecia a técnica, muito usada no SAT, de intimidar para controlar, preferi acreditar que era só ameaça. Os garotos todos tomaram banho e já estavam cobertos, era pleno inverno. Percebi que todos aguardavam alguma coisa. Havia uma expectativa no ar, e era comigo.

De repente, o PM com o fio de telefone veio para o meu lado. Perguntou, de modo jocoso, por que eu havia ido parar ali. Con-tei a verdade.

“Ah, então temos aqui um viciado em picadas! Deixa ver teus braços. Tudo furado. Vamos começar a lição. Você precisa aprender onde está. Para começar, você precisa aprender a tomar bolo. Coloca as mãos juntas, esticadas para a frente. Assim, assim. Não tira enquanto eu não bater! Se tirar vai na cabeça e nas costas!”

Ajeitou minhas mãos paralelamente, com as palmas para cima. Sabia que ele bateria com o fio de telefone. Sabia também que teria de suportar a dor. Já suava de medo quando o homem ergueu o chicote e o vibrou no ar. Empregando todo o peso do corpo, arriou o fio de telefone em minhas mãos. A dor foi tão grande que, no susto, pulei e caí no chão. Parecia que minhas mãos haviam sido cortadas. Queimavam. Olhei, e lá estavam minhas mãos, com um risco vermelho vivo, insensíveis. Fui tão surpreendido pela dor que perdi a voz na hora. E todos riam, inclusive os meninos...

O homem gritava comigo para que eu colocasse as mãos novamente. Não conseguia dizer que doía muito ainda. Julgou que eu o desafiasse, então deu com o fio de telefone em minha cabeça. Então consegui gritar. Senti o fio entrar em minha cabeça, queimando. O sujeito ainda exigia que eu colocasse as mãos. Gritava comigo, possesso, indignado com minha demora em me submeter à tortura.

Assustadíssimo, ao seu comando, coloquei as mãos novamente. Ele chicoteou. Mais uma queda e uma dor despedaçadora explodindo pelos braços no corpo todo. Segurei minhas mãos e colocou na altura que desejava para um maior impacto. Eu chorava, implorava piedade. E lá veio a dor. Dessa vez mais forte, já que acertou em cima da primeira pancada. Desesperado, saí correndo para o fundo do alojamento, e ele atrás, chicoteando no ar.

Enfiei-me entre a parede e um beliche, encolhi-me todo. O carrasco, totalmente fora de si pela minha ousadia de correr dele, começou a bater às queimas, para acertar onde acertasse. E doía, doía... Lembrava meu pai, era quase a mesma tortura, só que ali doía infinitamente mais.

Quando o sangue desceu dos buracos na cabeça para o meu rosto, percebi que o animal se assustou. Parou de bater e me mandou correr para o banho. Esgueirando-me pelos beliches, passei por ele, morrendo de medo, e corri para o banheiro. Tirei a roupa depressa e entrei debaixo do chuveiro gelado.

Doía o corpo todo. Minha cabeça parecia furada em vários lugares. Na ponta do chicote devia ter algo que também furava. O outro guarda, mais idoso, jogou-me uma toalha. Mandou que me enxugassem rápido que ele vinha vindo. A toalha ficou toda manchada de sangue. Vesti a roupa sem sentir as mãos.

Saí do banheiro e dei de cara com o carrasco. Ergueu o fio e deu mais uma lambada nas minhas costas, enquanto eu corria. Pulei, corcoveei e gani de dor. O guarda mais velho estava à frente, escondi-me atrás dele. Este mandou que eu caísse em um beliche próximo. Mais do que depressa, pulei na cama e me cobri com um cobertor fedido. Fiquei ali tremendo, desconsoladamente.

Ainda não entendia o que estava acontecendo. Onde me encostava na cama, queimava. Ardia. Sentia-me como que cortado em fatias. Comecei a chorar baixinho, querendo minha mãe, sentindo a maior solidão do mundo. Acho que assim sofrendo, cansado, adormeci.

Logo cedinho, quando começou a clarear o dia, fui acordado por um barulho estranho. Assustado, olhei para o lugar de onde vinha. Era o tal do PM com o fio de telefone que estava batendo com um banco no chão: "Acorda, putada! Está na hora de trocar plantão. Vamos rápido escovar os dentes e lavar essas caras sujas!".

O companheiro da cama de cima avisou-me que era para correr para o banheiro, senão sobrava bolo. Como um lince, pulei da cama e corri para onde todos corriam. Foi então que senti as dores pelo corpo. Olhei para minhas mãos e braços, e havia calombos grossos e roxos. Meu cabelo estava empastado de sangue seco.

No banheiro enfiei a cabeça na água gelada, e queimou, ardeu muito. Corri, e ao passar pelo PM com o fio de telefone, ele ria de mim e avançava para meu lado. Acelerei, atrolei todos em minha frente e escapei. Mandaram que saíssemos ao pátio.

Formamos filas, realizou-se a contagem e a troca de plantão dos guardas. Em seguida, ainda em fila, fomos para outro pátio, desembocando em outra sala grande, era o refeitório. Todos ali eram dominados pelo medo, tudo funcionava à lei da borracha e do terror conseqüente.

O refeitório era cheio de mesas enormes, guarnecidas de bancos coletivos. Passamos por uma espécie de balcão, onde uma senhora mal-encarada nos dava um pãozinho com margarina. Ao fundo pegávamos uma caneca de alumínio e éramos servidos de café com leite. Ordenadamente, íamos lotando as mesas, nos assentando para comer.

Tomei o café com leite, que, diga-se de passagem, estava muito gostoso. Saí quando os outros garotos saíram também. Desembocamos num pátio, e parecia que podíamos ficar à vontade. Quando todos saíram, seu Mascarenhas, chefe do plantão, bateu palmas para que entrássemos em forma novamente. Percebi que aquilo parecia um quartel, os PMs nos tratavam como a recrutas do exército, disciplina militar; éramos os órfãos da ditadura. Ordenou que nos sentássemos no chão e autorizou que fumássemos.

Seu Mascarenhas era um guarda bastante fanfarrão, mas de coração bom. Nós só podíamos fumar em forma e na frente dos guardas. Se pegassem alguém fumando escondido, era motivo para um monte de bolos nas mãos. Ainda tinha um maço de Mi-

nister quase cheio. Acendi um diante olhos ávidos. Ofereci aos que me cercavam e quase fiquei sem o maço. Após a fumaça, fomos dispensados e pudemos andar pelo pátio, à vista de três PMS. Sentei num canto e fiquei admirando os vergões roxos em meu corpo. Ardiam, mas o pior já passara, imaginava eu. Sentia dó de mim mesmo, lambendo minhas feridas, quando fui abordado por dois garotos do meu tamanho.

“Ei, de onde você é, qual é o teu pedaço?”

“Sou da Vila Maria e do centro, por quê?”

“Nada, nada. O que você fez? Qual é tua arma?” Perguntava sobre minha modalidade de crime.

“Bato carteiras, faço gomas e até assalto.”

Olhavam-me incrédulos, mas, na dúvida, podia ser.

“Por que foi preso?”

“Porque me pegaram com um arpão.”

“Você toma picadas?”

Senti novamente a dúvida.

“Tomo sim. Olha minhas veias.” E expus veias dos braços cheias de pontinhos pretos, sinais de inúmeras picadas. Percebi que fui valorizado por isso.

Um deles me avisou para tomar cuidado com os grandes. Eles iam me requisitar para conversar. Costumavam bater, tomar tudo o que se tivesse, judiar, e até comer na marra os mais pequenos e fracos. Aquilo me assustou; mais sofrimento ainda, não bastava a polícia? Procurei não demonstrar. Aprendera que o medo é algo que não deve ser demonstrado em hipótese alguma. Era o malandro sentir medo na vítima, para se aproveitar e apavorar mais, para dominar, como os animais.

Nesse primeiro dia, após o diálogo com esses garotos, observei bastante e já percebi a turma dos grandes. Eles ficavam juntos, num canto do pátio. Lá para as onze horas, formamos novamente e fomos almoçar em bandeirão. Arroz, feijão, mistura e um

pedaço de marmelada. Comi isso como um cavalo. Estava cheio de fome, e assim, de início, a comida me pareceu gostosa; depois vi que não era tão boa assim. Quando não tomava picadas, sentia muita fome.

Passamos a tarde no pátio, inativos e ociosos. Fiquei sentado e apático, olhando o movimento. Uns brincavam de pegar, outros batiam figurinhas, jogavam damas ou dominó. Ao escurecer fomos para a recreativa.

Fomos contados, trocou plantão. O plantão dos guardas à noite era sempre mais rígido. Exigiam silêncio de nós. Eu já julgava que exigiam silêncio unicamente para nos bater. Tinham prazer e se divertiam nos batendo.

Era impossível ficar sem falar muito tempo, por mais medo que tivéssemos de que nos espancassem. Éramos crianças, e crianças falam mesmo. Quase todos fumavam, quase ninguém tinha cigarros. Vivíamos caçando bitucas. Enrolávamos em qualquer papel e fumávamos, como fosse um ato de liberdade.

Constantemente, o guarda ao lado da TV mandava que um de nós subisse. Esse fora pego conversando. Automaticamente, colocava as mãos à mercê do carrasco. E lá vinha a borracha de pneu de caminhão (os guardas zombavam dizendo que era o produto do Amazonas), assobiando, nas mãos do infeliz. Era sempre de cinco bolos para cima, a conta do sadismo dos guardas.

Quando o elemento era reincidente ou a falha era maior, faziam que ele sentasse encostado na parede, com as pernas esticadas. Juntavam os pés da vítima entre seus próprios pés e desciam a borracha. Para mim parecia que doía mais ainda, uma vez que os gritos eram mais agoniados. Já apanhara na sola dos pés na ocasião em que fora posto no pau-de-arara. Sabia o quanto doía.

O ato dos PMS era tão conscientemente criminoso, que procuravam bater apenas onde não ficassem marcas duradouras. As palmas das mãos e as plantas dos pés. Só quando a vítima não se